

# **O NARCISO DE CRISTAL: ENSAIO SOBRE A CAUSALIDADE NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES**

**Mirian de CARVALHO**

UFRJ/Associação Internacional de  
Críticos de Arte

---

*Meus olhos estarão sobre os  
espelhos, pisando nos caminhos  
que existem dentro das coisas  
transparentes.*

## **RESUMO**

Várias vezes nos seus escritos Bachelard refere-se à causa formal e à causa material no plano da poesia. A matéria, segundo ele, determina a forma.

Sob esse ângulo, não há na poesia uma causa eficiente. Bachelard enfatiza na poesia as causas do coração. A poesia tem uma ordem própria que congrega um espaço e um tempo de natureza poética.

Com base nas noções bachelardianas de instante poético e de espaço poético, elaboramos a noção de causalidade poética e fazemos uma leitura da poesia de Cecília Meireles tendo como meta descrever a causalidade própria da poesia através das imagens.

## RÉSUMÉ

Plusieurs fois Bachelard reprend dans sa philosophie la cause formelle et la cause matérielle au plan de la poésie.

La matière, d'après lui, détermine la forme.

Sous ce point de vue, il n'y a pas dans la poésie une cause efficiente.

Bachelard remarque dans la poésie les motifs du cœur.

A partir des notions bachelardiennes d'instant et d'espace poétiques nous avons élaboré la notion de causalité poétique et nous avons fait une lecture de la poésie de Cecília Meireles ayant pour but décrire la causalité propre de la poésie à travers des images.

## 1 - INTRODUÇÃO

Ao elaborar este texto, nosso objetivo é analisar na obra de Gaston Bachelard as noções de instante poético e de espaço poético, tendo por base o ensaio “Instante Poético e Instante Metafísico” (1938) e **A poética do Espaço** (1957), respectivamente, numa leitura da poesia de Cecília Meireles.

Em “Instante Poético e Instante Metafísico”, Bachelard desenvolve a noção de tempo poético, noção essa fundada no conceito de descontinuidade temporal, tal como ele a concebe em A intuição do instante, obra anterior datada de 1932.

Para ele a **instantaneidade** é a única realidade do tempo, assim sendo o tempo é **descontínuo**. Tais idéias, - endossadas a partir da obra Siloe, de Gaston Roupnel - são retomadas mais tarde em “Instante Poético e Instante Metafísico”, na qual Bachelard elabora a noção de **instante poético**.

O instante poético é **vertical**<sup>1</sup>, nele reúnem-se as coisas e o cosmos, supera-se a dualidade do “sujeito e do objeto”<sup>2</sup>; o tempo

é concebido como uma ordem de simultaneidades - simuntaneidades imagéticas. Nesse tempo a imagem poética desloca-se em ascese ou em descese, em movimentos que percorrem a verticalidade temporal.

O tempo da poesia segue o modelo do sonho, rompe a seqüência do tempo encadeado, do tempo horizontal; nesse sentido, o poeta nega os quadros sociais, fenomenais e vitais da duração. Observa Bachelard:

Em todo verdadeiro poema é possível então encontrar os elementos de um tempo detido, de um tempo que não segue a medida, de um tempo que chamaremos de vertical para distingui-lo do tempo comum, que foge horizontalmente com a água do rio, com o rio que passa<sup>3</sup>.

À horizontalidade da prosa, ele opõe a verticalidade temporal. No tempo do poema, diz ele: "Subitamente, toda a achatada horizontalidade se apaga. O tempo não corre mais. Jorra".<sup>4</sup>

No tempo poético há demarcação de um lugar - um lugar poético. Elabora-se uma poética do espaço instauradora de um espaço de atração, de amorosidade. Para Bachelard ocorre uma "topofilia"<sup>5</sup>: "imagem do espaço feliz".<sup>6</sup>

Nossas pesquisas, mereciam, sob essa orientação, o nome de topofilia. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos às forças adversas, espaços amados. Por razões muitas vezes bem diversas e com as diferenças que comportam os vários matizes poéticos, são espaços louvados.<sup>7</sup>

Para Bachelard, o espaço poético é valorizado nos cantos da casa, no porão e no sótão. Ao perscrutar uma estética do "desconhecido"<sup>8</sup> e do escondido, a imaginação "criante" habita, além da casa, gavetas, cofres, armários, ninhos, conchas - "lugares inabitáveis"<sup>9</sup> habitados pelo homem. Bachelard atribui um valor de sentimento à miniatura e à imensidão interior, afirma que interior e exterior são experimentados dialeticamente, empresta-lhes valor de ontogênese e elabora uma fenomenologia do redondo<sup>9</sup>.

A imaginação poética lavra o espaço poético: "dar seu espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço do que aquele que

ele tem objetivamente, ou melhor, é seguir a expansão do seu espaço íntimo”<sup>10</sup> ao elaborar as correspondências poéticas.

Segundo Bachelard, há na poesia pólos ambivalentes; nestes ocorrem movimentos intrínsecos à poética. Tais pólos quase se tocam por vezes, podendo trocar de lugar ao fixarem o instante poético.

O filósofo nos dá o exemplo do instante poético do **pesar sorridente**. Diz ele:

O sentimento é aqui reversível ou melhor dizendo, a reversibilidade do ser é aqui sentimentalizada: o sorrir lastima e o pesar sorri, o pesar consola. Nenhum dos termos excessos sucessivamente é a causa do outro.<sup>11</sup>

A imaginação poética, ressaltamos lavra também o instante poético. Conjuntamente o espaço e o tempo poéticos elaboram o que chamamos de **causalidade poética** - momento em que o espaço e o tempo se tocam em completude numa imagem insurgente e ambos vibram.

A causalidade poética fixa ainda o momento súbito em que a matéria determina a forma e põe em relevo as ambigüidades e ambivalências comuns a um verso dominante. Os termos da imagem nesse momento são reversíveis, segundo Bachelard.

Neste texto destacamos, com base em Bachelard, as noções de **instante poético** e de **espaço poético**, às quais acrescentamos, de acordo com nossas pesquisas, a noção de causalidade poética, e realizamos a leitura de alguns poemas de Cecília Meireles nos quais localizamos tais noções explicitadas poeticamente.

## 2 - A SERENIDADE DESESPERADA

Todo poeta expressa um modo próprio do fixar uma dialética das correspondências e das ambivalências.

Na poesia as imagens surgem numa articulação que lhes é intrínseca. Não há causalidade eficiente.

O instante, sabemos, é o súbito da imagem. Na poética de Cecília Meireles, as ambivalências irrompem renovadas. Criam-se imagens a eclodir em cada instante sereno ou áspero de seus versos. Tais imagens irrompem suaves ou tensas no instante poético. São murmúrio e grito. Jorram entre a angústia do peso e da leveza.

No poema "Epitáfio da Navegadora", do livro **Vaga Música**, uma viagem "sem surpresa" surpreende o leitor de imagens:

SE TE PERGUNTAREM quem era  
essa que às areias e gelos  
quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos  
mares sem deuses desta vida,  
sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;  
e que em algas e espumas presa  
deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de belezas  
e nunca desejou mais nada;  
que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada  
dize: "Eu não pude conhecê-la,  
sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,  
foi: "SERENA DESESPERADA".<sup>12</sup>

Barca estelar, estrela d'água. O desespero e a serenidade em ascese e descese no tempo vertical. Desespero sereno, serenidade desesperada: "O homem é um ser entreaberto"<sup>13</sup>.

Serenidade: ensinamento do florir às areias e gelos. Desespero do perder-se em solidão - pelos mares sem deuses desta vida. Tocar a morte. Ver-se em algas e espumas presa, no longe das estrelas libertada.

Na rota de barca e estrela, o céu e a terra se separam e se unem num epitáfio: história mal contada, cantiga de barca e estrela.

Barca e estrela, espaços íntimos, pela causalidade poética entrelaçados. Dois instantes, um só instante.

Ontogênese do espaço e do tempo, estes surgem juntos. Eclodem no ser imagístico, fixam-se em linguagem: lugar entre. Nesse topos, não só os termos, as coisas trocam de lugar: o sentimento oscila no topos poético e no tempo poético.

Nesse instante, nesse lugar as coisas ficam a um só tempo longe e perto. O perto e o longe dialetizam-se na tessitura das coisas acontecidas: "As coisas acontecidas/ mesmo longe, ficam perto/ para sempre e em muitas vidas".<sup>14</sup>

O instante poético - tempo em fuga - ver-se-á para sempre e instantaneamente na poesia em ambivalência. O lugar e o tempo são demarcados em ambigüidade.

### 3 - O EFÊMERO SORRIR DE NARCISO

Sabe-se no instante, o poeta. No drama da causalidade poética não há história, há metamorfose, correspondências. Os elementos permutam seus lugares no breve tempo de um epigrama:

#### *EPIGRAMA*

Narciso, foste caluniado pelos homens,  
por teres deixado cair, uma tarde, na água incolor;  
a desfeita grinalda vermelha do teu sorriso.

Narciso, eu sei que não sorrias para o teu vulto,  
dentro da onda:  
sorrias para a onda, apenas, que enlouquecera, e que  
sonhava  
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso,  
a estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava,  
florindo-a para sempre com o seu efêmero sorriso.<sup>15</sup>

No efêmero sorrir de Narciso, reinventa-se uma imagem da tradição. Ao unirem-se - espaço e tempo, imagem e poesia - acolhem a dinamogênese da matéria. **Água**, e **onda** surgem juntas, encontram-se nos movimento do **ar**.

Mais do que tecer imagens da água, dos elementos, a poesia transmuta a matéria. Cria correspondências rítmicas. Dinâmicas. Elabora uma alquimia. É metamorfose!

Repetimos sempre: a imagem poética é uma primeira imagem do mundo. Faz florescer um Narciso cósmico.

Esse Narciso cósmico - estátua de cristal - realiza a água na densidade do ser; especializar, amorosamente, da onda **o corpo ermo e indeciso**:

Sorris para a onda, apenas, que enlouquecera, e que sonhava  
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso  
A estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava<sup>16</sup>

Lê-se em correspondência: **loucura e onda**. Duas imagens, um só movimento. A onda enlouquecera: faz gerar a estátua de cristal no ritmo do seu corpo ermo e indeciso. Loucura, costumamos dizer, é fuga para o alto, no tempo vertical.

Narciso em ascese - para ele a onda olha em ritmo de fuga: de fuga para o alto. A **onda** - a água - olha-se na **desfeita grinalda vermelha** dos lábios de Narciso. Ele no alto! Ela a contemplá-lo! Ele se vê no corpo ermo e indeciso da água. Ela se vê no seu corpo em espelho.

**Estátua de cristal**, Narciso é transparente - um ser do ar. Ser da luz. A água erotizada sonha seduzi-lo. Trocam de lugar - nesse drama - os elementos. A água e o ar. O ar e a água. Ele é a água. Ela é ele, diria Bachelard.

Animus: a água, a onda enlouquecida; anima: Narciso, a estátua de cristal. O Narciso de cristal. "O mistério poético é uma androginia".<sup>17</sup> Enlaçam-se os dois. A água se vê no cristal - corpo de Narciso - refletida.

A causalidade poética é inversão dos elementos, substituição de um pólo pelo outro, **ambigüidade lingüística**, também:

florindo-a para sempre com seu efêmero sorriso<sup>18</sup>

**Florindo-a** *A estátua de cristal? A onda?* Ambas: loucura da onda, devaneio da estátua A água florida, a estátua de cristal a florir, integram os ritmos da água e do ar, unem-se em corporeidade na linguagem: fazem-na inovar-se: “A imaginação poética é verdadeiramente um instante da palavra”.<sup>19</sup>

“A poesia é a linguagem que é livre frente a si mesma”.<sup>20</sup>

Linguagem nomeada pela matéria, linguagem de imagens.

O tema de Narciso é a metamorfose primeira da imaginação poética. O mundo nos vê. Nos olha. Nos afeta. Ele é um grande Narciso. Narciso é uma imagem sensual. “Só os valores sensuais dão correspondências”.<sup>21</sup> Narciso, a sua dialética é ver e mostrar-se.<sup>22</sup> Ar e água. Luz e água. Diuturno, em meio à névoa é o claro-escuro da poesia, a transparência do ar. Diante da água que lhe reflete a imagem, “Narciso sente que sua beleza continua, que ela não está concluída, que é preciso concluí-la”<sup>23</sup> junto à água.

Narciso é um olhar. “Aqui a sublimação não nega o desejo, é sublimação por um ideal”,<sup>24</sup> imagem insurgente.

“O mundo quer ser visto”<sup>25</sup> Os elementos se revelam poderosos. “O narcisismo, primeira consciência de uma beleza é, portanto, o germe de um pancalismo”<sup>26</sup> - olhar do mundo. O começo da poesia.

Narciso nos contempla. Ao Narciso de Cristal podemos indagar: “para quem estás te olhando?”<sup>27</sup> Quem te contempla a face?

O corpo de Narciso acolhe uma primeira função - a função poética. “Então Narciso já não diz: Amo-me tal como sou, mas sim: sou tal como me amo”.<sup>28</sup>

No drama do instante poético, o poeta faz seu tempo: “Eu canto porque o instante existe”.<sup>29</sup>

## REFERÊNCIAS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cf. BACHELARD, Gaston. "Instante Poético e Instante Metafísico". In: **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha e outros. 1. ed., Difel, S. Paulo, 1968, p. 183.
2. Cf. Idem, *ibid.*, p. 187.
3. Idem, *ibid.*, p. 183/184.
4. Idem, *ibid.*, p. 185.
5. Idem. **A poética do espaço**. Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Leal. 1. ed., Eldorado, Rio de Janeiro, s/data, p. 18.
6. Cf. Idem, *ibid.*, p. 18.
7. Idem, *ibid.*, p. 18
8. Cf. Idem, *ibid.*, p. 19.
9. Cf. Idem, *ibid.*, p. 19.
10. Idem, *ibid.*, p. 150.
11. Idem. "Instante Poético e Instante Metafísico" In: **O direito de sonhar**. Opus cit. p. 187.
12. MEIRELES, Cecília. "Epitáfio da Navegadora". In: **Obra poética**. 1. ed., Nova Aguilar, Rio de Janeiro 1983, p. 143.
13. BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Opus cit., p. 184.
14. MEIRELES, Cecília. "Onda". In: **Obra poética**. Opus cit. p. 127.
15. \_\_\_\_\_ ; "Epigrama" In: **Obra poética** Opus cit. p. 180.
16. 180
17. BACHELARD, Gaston "Instante Poético e Instante Metafísico". In: **O direito de sonhar**. Opus cit., p. 185.
18. MEIRELES, Cecília. "Epigrama". In: **Obra poética**. Opus cit., p. 180.
19. BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Trad. Norma Telles. 1. ed., Brasiliense, São Paulo, 1990, p. 27.

20. Idem, *ibid.*, p. 27.
21. Idem. **A água e os sonhos**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 1. ed., Martins Fontes, São Paulo, 1989, p. 22.
22. Idem. *Ibid.*, p. 23.
23. Idem. *Ibid.*, p. 24.
24. Idem. *Ibid.*, p. 25.
25. Idem. "As Ninféias ou as Surpresas de uma Alvorada de Verão". In: **O direito de sonhar**. Opus cit., p. 6.
26. Idem. **A água e os sonhos**. Opus cit., p. 28.
27. Idem. *Ibid.*, p. 23.
28. Idem. *Ibid.*, p. 25.
29. MEIRELES, Cecília. "Motivo". In: **Obra completa**. Opus cit., p. 81.